

Sumário

NOTA DO EDITOR	7
APRESENTAÇÃO Pequeno inventário de um <i>marxista sem repouso</i>	
■ Marcelo Braz	13

PARTE I

PARA A CRÍTICA DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

A crise global e a significação da ofensiva neoliberal	39
Uma face contemporânea da barbárie.....	56

PARTE II

DOIS PROCESSOS POLÍTICOS

Portugal: a Revolução dos Cravos.....	91
Brasil: o golpe de 1º de abril de 1964	109

PARTE III

MARXISMO – DOS CLÁSSICOS À AMÉRICA LATINA

Karl Marx: um roteiro biobibliográfico	131
Da recepção dos <i>Manuscritos de 1844</i>	166
Razão, ontologia e práxis.....	175
Engels: o <i>Anti-Dühring</i>	196
Lenin: da política cultural e dos artigos sobre Leon Tolstoi.....	215
G. Lukács e a política	237
Nota sobre o marxismo na América Latina.....	254

PARTE IV

COMBATES NO SERVIÇO SOCIAL

A crítica conservadora à Reconceituação.....	281
O Serviço Social e a tradição marxista	297
O <i>projeto ético-político</i> do Serviço Social: das ameaças à crise.....	309
Assistencialismo e regressividade profissional no Serviço Social	314

ANEXOS

I – Dos tempos da crítica de poesia

Ferreira Gullar e a superação do idílico.....	332
---	-----

II – Atribuição da emergência acadêmica

Alocução de Carlos Nelson Coutinho	346
--	-----

NOTAS	351
--------------------	-----

Nota do Editor

Fui convidado a dar meu testemunho sobre José Paulo Netto no ensejo da celebração dos seus 70 anos.

Este testemunho abre esta coletânea com seus escritos, reunidos pelo Professor Marcelo Braz, e faz parte, portanto, de um livro que é um presente para a sociedade brasileira.

Dar um testemunho é lembrar, contar, recordar.

Recorro à minha memória e me esforço para encontrar e conectar fragmentos que, em lembrança, refaçam as cenas que juntos protagonizamos, a começar da ocasião em que nos encontramos, há 36 anos.

Nos conhecemos no ano de 1981, e o cenário foi a Livraria Cortez, recém-inaugurada na rua Bartira, 387, no bairro de Perdizes, na capital paulista.

Ao levantar a porta de aço pela manhã, chega o Sr. Zé Paulo e pergunta:

“Você é o Cortez?”

“Sim, sou”.

Em seguida, perguntou:

“É verdade que o Serviço Social é uma das prioridades de publicação da sua editora?”.

Quando confirmei, ele exclamou e indagou ao mesmo tempo:

“Você é muito corajoso. Acha que vai sobreviver?”

Coube a mim, felizmente, confirmar que já estava sobrevivendo. Na ocasião, nosso catálogo contava com os primeiros doze títulos publicados na área.

Isso está documentado na relação da quarta capa da *Revista Serviço Social & Sociedade* número 5, de março de 1981.

Aliás, essa Revista tem também seu papel histórico nas memórias de nossa amizade. Foi nela que José Paulo Netto escreveu seu primeiro artigo: “A Crítica Conservadora à Reconceptualização”...

Retomar essas memórias diz respeito a aspectos singulares de nossas vidas. Por isso, não vou aqui comentar a trajetória brilhante desse professor, marxista impenitente, intelectual de referência, deixo para os inúmeros pesquisadores e estudiosos.

Quero compartilhar com o leitor o lugar especial que esse personagem ocupa tanto na minha memória profissional, quanto pessoal e afetiva.

Já no início de minha trajetória como Editor e Livreiro, ainda pouco experiente e com escassos recursos, recebi de José Paulo Netto muitas sugestões a respeito do que publicar, do que faltava ao leitor em geral e ao leitor do Serviço Social em particular.

Essa magnanimidade fez e faz parte de um contexto em que professores e pesquisadores, com generosidade, aconselham, propõem, colaboram com desprendimento para que saberes sejam partilhados.

Ocupam um papel na dinâmica das editoras, livrarias, bibliotecas, incluindo colegas professores, reforçando estratégias de difusão cultural que poucas vezes encontra respaldo em políticas educacionais voltadas à leitura.

Não preciso aqui mencionar o lugar acadêmico, político e intelectual desse autor. Lugar esse que conheço de perto, considerando os inúmeros escritos publicados pela nossa Casa.

Esses escritos se somam às palestras e conferências feitas nos eventos que organizamos, o que fez com que o editorial recebesse com grande reverência e respeito os originais dessa coletânea tão rigorosamente organizada pelo Professor Marcelo Braz.

É um autor que nos dignifica.

Mas não vou me furtar, num testemunho como este, a compartilhar lembranças originadas na nossa amizade e que, por isso mesmo, são lembranças que evocam o riso conjunto, a brincadeira saborosamente infantil, o pitoresco da vida.

Por um tempo, ambos residimos nas imediações da PUC São Paulo, o que facilitou e favoreceu muitos de nossos encontros. Durante alguns sábados, próximo ao meio-dia, nos reuníamos com alguns professores em uma mesa grande do primeiro andar da Editora, para uma boa conversa acompanhada de uma boa pinga ou vinho. Recordo da presença constante do Professor Evaldo Amaro Vieira e também de Antonio Jorge Soares, que fazia o doutorado em Filosofia na Unicamp.

Aprendemos também a trocar visitas.

Lembro-me que minhas três filhas, ainda pequenas, estranhavam aquela barba.

Divirto-me também com o “ator” habilidoso, que telefonava para mim na editora e costumava (aliás, costuma) se identificar com grande variedade de personagens.

Apresentava-se como agente da Polícia Federal, como homem de alta patente da Marinha (em alusão ao meu histórico político), como secretário de Educação de uma ou outra cidade, ou aludindo a “figurões”. Eram muitos personagens a surpreender e a divertir, menos Zé Paulo.

As ligações tornaram-se parte de um “folclore familiar”, a ponto de um dia Miriam, minha filha mais nova, em seu trabalho inicial como telefonista da Editora, atender seu chamado e apavorada me alertar: “Pai, se esconde porque a Polícia Federal tá te procurando!”

Outro acontecimento memorável, verdadeiramente marcante, aconteceu em 1984.

Para minha alegria, essa é uma memória partilhada com um casal amigo e autor, e esse seria um enredo impossível sem os detalhes que habitam suas lembranças. Trata-se do professor Antônio Joaquim Severino e sua esposa, Francisca Eleodora Severino. Naquele ano, combinamos eu, minha esposa Potira (*in memoriam*) e o casal, uma viagem de férias a Portugal.

Nas conversas com Zé Paulo, ele sempre se referia a Portugal, partilhando seus muitos conhecimentos históricos.

Portugal o acolheu no exílio e lá teve a oportunidade de ministrar aulas e fazer grandes amizades.

Como o período de viagem coincidia com sua presença por lá, ofereceu-se generosamente para nos ciceronear, um verdadeiro privilégio.

Ao chegarmos a Lisboa, ele marcou um encontro conosco no dia seguinte, às 10 horas, no Largo do Carmo.

Lá, o encontramos deitado numa mureta, com os braços escondidos.

Ao chegarmos, ele se levantou com largo sorriso, e com os braços ainda para trás desconsiderou a presença masculina e se aproximou de Potira e Francisca, dizendo que aquele lugar era para ele muito importante, porque era ali o local da rendição da ditadura salazarista.

Mostrando finalmente as mãos, tinha em cada uma um cravo vermelho, com os quais, segundo ele, homenagearia as mulheres portuguesas que se envolveram na luta pela libertação, nas pessoas de Potira e Francisca.

Nos dias seguintes caminhamos, os cinco, por várias ruas, vielas, becos, ele explicando os fatos históricos daquele chão da velha Lisboa, que tanto ama.

O novo encontro no dia seguinte foi marcado ao “pé do nosso Pedro I”, mas sem nos alertar previamente que nosso príncipe regente Pedro I era, para os portugueses, Pedro IV.

Essa “confusão” gerou divertido desencontro, pois permanecemos cerca de meia hora aguardando-o junto à estátua do Pedro I de Portugal, que ficava em outra praça próxima.

Potira e Francisca desconfiaram que Zé Paulo poderia estar noutra lugar e tomaram a decisão de verificar, caminhando para a outra praça, seguidas por nós dois.

Lá nós o encontramos fumando cachimbo e dando sonoras gargalhadas aos pés de Pedro IV.

E aí ele nos presenteou com sua erudição contando a história de Portugal, relacionando-a com a história da colonização.

Na sequência, levou-nos às margens do rio Tejo, descrevendo a viagem de Cabral ao Brasil.

Por dias seguidos tivemos excelentes aulas sobre a história portuguesa.

As noites foram regadas a bom vinho e premiadas com boa mesa, já que conhecia lugares estratégicos para o paladar e também para os ouvidos, pois tivemos inesquecíveis encontros com o fado lusitano.

Mas nessa inesquecível viagem não faltou situação “de fuga”.

Quando fomos ao Castelo de São Jorge, Zé Paulo, muito empolgado em narrar a história desse Castelo, não se deu conta de que havia quatro gansos guardando a fonte e que passaram a persegui-lo, bicando-lhe as pernas e os braços. Ele batia as mãos e pulava como um garoto, ao mesmo tempo em que gritava: “Estes gansos não gostam de comunistas, foram treinados para persegui-los!”.

Saindo do Castelo continuamos nossas andanças por Lisboa e conhecemos, além do bairro de Alfama, o Paço Municipal e fomos almoçar no restaurante Brasuca — que fica no térreo de um prédio centenário —, do nosso amigo Juca, que serve comida brasileira, mas preferimos a especialidade do “chef”, o bacalhau na nata.

Zé Paulo dedicava muita amizade e admiração à Potira.

Caminhávamos, e ambos conversavam com alegria. Mas Zé Paulo inúmeras vezes interrompia esses diálogos para abrir debate com a Francisca, da área de Ciências Sociais, com densas questões que rapidamente se tornavam divertidas polêmicas.

Mas essas polêmicas não vingavam, pois Potira encontrava um modo de “recompor a prosa” e as questões eram, então, lançadas para “a posteridade”, para que fossem “arrematadas” em futuros encontros no Brasil, na expectativa de almoços e jantares que ainda estão para acontecer.

Diversões à parte, havia decidido também conhecer a cidade do Porto, para que pudéssemos, inclusive, visitar um casal: Fernanda Rodrigues, assistente social e que se doutorou na PUC-SP, e seu marido Stephen Steuer (*in memoriam*).

A professora Fernanda Rodrigues era referência na área, tanto no Brasil quanto em Portugal, aliás país pródigo em formar reconhecidos

intelectuais, inclusive na área de Serviço Social. Muitos deles doutorados no Brasil.

Na cidade do Porto as informações históricas de Zé Paulo foram também muito úteis.

Como se percebe, essa Nota é um capítulo da história política recente em que autor e editor se identificaram e se identificam em suas lutas, escolhas e visão de mundo. É também um capítulo na história de grandes e sólidas amizades.

José Xavier Cortez

São Paulo, setembro de 2017

Apresentação

Pequeno inventário de um *marxista sem repouso*

Marcelo Braz

Ser um mártir é fácil; difícil, muito difícil, é permanecer entre luzes e sombras pelo bem de uma ideia. (L. Feuchtwanger)

Questão lateral e a que não posso responder é a de saber se a ponte que tentei lançar entre o passado e o futuro, para e através do presente, será realmente duradoura [...]. Se, nestes tempos desfavoráveis, não logrei estender mais que uma frágil ponte, um dia irão substituí-la por outra, sólida [...]. Eu, pessoalmente, me contentaria em conseguir facilitar a alguns homens, mesmo que a poucos, o caminho do passado ao futuro, neste confuso período de transição. (G. Lukács)

Começo por dizer duas coisas que me deixaram à vontade para escrever essa *Apresentação* de uma coletânea que foi organizada sob a direta supervisão de José Paulo Netto.

O livro que o leitor tem em mãos é motivado pelo septuagésimo aniversário de José Paulo Netto, que transcorrerá em novembro de 2017. É, portanto, uma homenagem a ele. Nada melhor que um livro que repõe

textos relevantes de sua obra para homenagear um intelectual que, muito apropriadamente, reconhece-se como “um trabalhador dos livros”. Eu acrescentaria: um *incansável trabalhador dos livros*. Um *marxista sem repouso*.

No final dos anos 1970, num opúsculo sobre seu mestre Lukács, Netto escreveu: “Aos setenta e dois anos, desvinculado pela primeira vez (desde que se tornou comunista) do PC, compulsoriamente recolhido à vida privada e alvo de mais uma campanha de descrédito ideológico, Lukács parece afastado da cena cultural — entre 1958 e 1961, a sua bibliografia só registra títulos menores”. Este foi o período da trajetória de Lukács compreendido entre 1957/58 e 1962 — entre a obra que anunciava o colossal projeto da Estética (*Introdução a uma Estética Marxista*) e a *Carta sobre o estalinismo*. Já com mais de 70 anos, o velho filósofo húngaro — *um guerreiro sem repouso*, como Netto o qualificou — dava seguimento a sua batalha no campo das ideias. Pois bem, perto de seus 70 anos, um dos melhores intérpretes da obra de Lukács é também, como seu mestre, um *incansável marxista sem repouso*.

Nosso autor segue produzindo intensamente novos ensaios, traduções, prefácios, apresentações/introduções, organizando antologias e, naturalmente, seus próprios *livros*. Atende convites para aulas, cursos, palestras e conferências para universidades e movimentos sociais, como é o caso das aulas que oferece na *Escola Nacional Florestan Fernandes/ENFF*, vinculada ao *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra/MST*. Não poucas vezes, já passados seis anos de sua aposentadoria formal, é comum ver o Professor Emérito¹ José Paulo Netto na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ). Colabora mensalmente com o *blog* da editora Boitempo, meio através do qual presta

1. Maior honraria acadêmica que recebeu da universidade em 2011, proposta pela gestão (2010-2014) encabeçada pela Professora Mavi Rodrigues, aprovada por unanimidade pela Congregação da unidade acadêmica e encampada, entusiasticamente, pelo saudoso e memorável reitor Professor Aloísio Teixeira. O texto que sustentou a emergência ficou sob os cuidados do Professor Carlos Nelson Coutinho, cujo breve discurso que fez na ocasião da titulação de José Paulo Netto está publicado nesta coletânea (ver Anexo II). Não custa lembrar que Coutinho foi agraciado com a mesma honraria, também encaminhada na mesma gestão da ESS/UFRJ, já durante o reitorado do Professor Carlos Levy, em 2012. A sessão de titulação do Professor Emérito Carlos Nelson Coutinho ocorreu poucos meses após sua aposentadoria. Em setembro do mesmo ano, um câncer nos levou Coutinho precocemente.